

se é formado pelas tricas e politiquices dos politiquices.

Tratando-se dos seus interesses próprios, tem o povo bem melhores meios de exercer influencia e obter justiça...

Os meios de influir...

O unionista Jacinto Nunes declarou a um jornalista:

«De resto, não ha argumentos que justifiquem o numero de deputados attribuido a Lisboa. Em meu entender, a capital não precisava de deputados...»

As associações poderosas, a acção directa, a pressão directa sobre o poder: havendo isso, para que servem os deputados?

Perfeitamente! E a provincia o que deve fazer é tratar de imitar a capital o mais possível. Porque, se se fia nos deputados, está arranjada...

Como se fazem os criminosos

Dizia a República, em 12 do corrente:

«Segundo uma nota da Arcada, o sr. ministro da justiça, que visitara o recolhimento do Bom Pastor, está na disposição de examinar outros estabelecimentos similares, a fim de inquirir se serão susceptíveis de transformar-se em casas do correccão para delinquentes...»

A este propósito, a República vai entrevistar o director do Albergue das Crianças Abandonadas.

«Estou como V.—diz-nos o sr. Morgado. Não conheço o plano do illustre ministro da justiça. O que sei, o que posso dizer-lhe é que o drama das crianças, na nossa capital, é lancinante. Segundo calculos feitos, há em Lisboa cerca de dez mil crianças vagabundas! Dessas dez mil crianças, temos que ressalvar as que estão internadas.»

«Quantas, porém, lograram encontrar o carinho do internato?»

«Temos, pois, que encontramos agasalho cerca de mil crianças...»

«E as outras?»

«As outras...—diz o sr. Morgado com um sorriso desalentado—voltaram para a rua, e ali vagam sem que, contudo, a piedade lisboeta tenha dado por elas!»

«E logo num remate:—Basta que, daqui a alguns anos, repare o tribunal, quando das crianças de hoje saírem os criminosos, os rufões, as ladras—carne de entalho das prisões... Registemos o depoimento e o documento.»

Quanto ás casas de correccão para menores, sabemos o que ellas valem, pelos exemplos de fora. Tanto as officias como os vários Foyers particulas e religiosos.

Os sacrificados

O miuistro do fomento declarou a um jornalista:

«A hora é de sacrificios, de cruéis provações. Sacrifiquemo-nos, pois, todos, a começar pelo Estado. Não vai ficar por preços elevadissimos. Mas podem as classes proletárias pagá-lo a péso de dinheiro lutando, como lutam, com uma crise de trabalho pavorosa? Certamente que não. Desta arte, o Estado que exerce funções de assistência e de beneficência, a que não pode extinguir-se, e que sacrifica as quantias precisas para cobrir a diferença de preço entre o pão de agora e o que hade fabricar-se com o trigo que vem a caminho de Lisboa. São umas poucas de centenas de contos a sumir-se nesse sorvedouro imenso. Paciência. Não se trata apenas de uma questão económica, mas também, e principalmente, de uma ameadora questão de ordem pública...»

A questão da «ordem pública», como elles dizem, é que verdadeiramente preocupa todos os governantes; sem isso não palpa o seu terno coração misericordioso.

Quanto ás centenas de contos a sumir-se nesse «sorvedouro imenso» (há outros bem mais imensos e nocivos, alimentados pelo Estado), do suor do trabalhador produtivo não de sair. E assim o Governo ficará com a aureola da beneficência—ao passo que os sacrificados não são os que o parecem...

Centro e Biblioteca de Instrução Livre e Social

Realisa-se hoje neste centro, sito á Travessa dos Arcos n.º 63, pelas 16 horas, um espectáculo, cujo produto revertirá a favor das Escolas do mesmo; toma parte a Escola Dramatica Aurora Livre. Subirão á scena: o drama em 3 actos «Vítimas do Jesuitismo», o entre-acto dramático O Padre Liberal, e a comedia em 1 acto «Mercurio (folha da tarde)». A entrada é gratuita.

A Polónia trágica

Não é só a Bélgica a grande mártir desta guerra monstruosa. O mártir da Polónia não lhe é inferior. O «teatro oriental da guerra» é quase todo em território polaco, da Rússia e da Austria. Para acentuar a tragédia com uma ironia sangrenta, em ambos os exércitos contendores há centenas de milhares de polacos, entre os quais numerosos voluntários (sobretudo no exército austríaco), enganados pelas promessas feitas de um lado e de outro Eis af a guerra de raças! Eis como se batem pela «independência dos povos» irmãos e parentes uns contra os outros—fratricídios de que a imprensa refere numerosos casos! Não mostra isto como os Estados conseguem levantar não só povos contra povos mas irmãos contra irmãos?!

Como a Polónia é país conquistado para os exércitos alemães, russos e austríacos, nenhum está com cerimonia: por «necessidade estratégica» as mesmas aldeias e cidades são sucessivamente bombardeadas e destruídas por uns e por outros. Em Samosch, por exemplo, os austríacos fuzilaram alguns habitantes, acusando-os de favorecer os russos; vieram depois estes e fuzilaram outros habitantes, por terem favorecido os austríacos.

Mas são os russos que, daquelle lado, levam a palma a todos em ferocidade. Na Galícia, «país inimigo», assolam, enforcam, esturram, saqueiam, incendiam; mas na Polónia russa não são menos selvagens.

Jorge Brandes, o conhecido litterato dinamarquês que fez facinho as Memórias de Kraprókine, narra e documenta essas atrocidades, fazendo-lhe eco o socialista Ottolenghi e outros; e causam um calafrio de horror os factos descritos pelo Partido Socialista Judeu da Lituânia, Polónia e Rússia num longo manifesto ao mundo civilizado.

Os finlandeses e polacos não são poupados pelo tsarismo; mas as vítimas preferidas são os judeus da Polónia, embora haja trezentos mil soldados israelitas nas fileiras do tsar. Contra os judeus é atizada a sanha dos selvagens anti-semitas e dos cosacos, os quais «precisam de se divertir, pouco importando que os ingleses estejam ou não contentes», como respondeu a uma viuva queixosa o generalíssimo Nicolau, tio do tsar.

Pelas mais fantásticas suspeitas e acusações, são os judeus enforcados, estrangulados, chacinados. Houve cidades inteiras destruídas, como Janow e Krasnik. Em mais de 215 localidades, houve pogromes, matanças de judeus em massa. Só em Lodz, além do extermínio de vidas, foram saqueados 15 mil estabelecimentos israelitas. Alguns soldados judeus, que presenciaram estas scenas de terror, enlouqueceram; outros viram matar as suas próprias noivas e irmãs.

A residência forçada imposta aos judeus e outras restrições á liberdade de movimentos não foram suprimidas, mesmo provisoriamente, em face das mais trágicas circunstâncias da guerra. Muitas vezes, as autoridades intimam aos judeus a evacuação colectiva da localidade, dentro de 24 e até de 3 horas: os retardatários são submetidos a conselho de guerra.

E são então lamentáveis exodos, como na idade média. Centenas, milhares de famílias, muitas delas de homens que estão a combater, marcham a pé para Varsóvia, seu único refúgio, levando dias e noites a chegar. Vão velhos, mulheres e crianças, sãos e doentes, mães que acabam de dar á luz, outras que sofrem partos prematuros, pelo caminho. No meio do pânico, há mães que perdem os bebés, notando de repente, com pavor, que apertam ao seio cobertores vazios! Pela estrada, morrem mulheres e crianças, e mais morreriam, se não fosse a dedicação dos mais robustos, que levam ao colo, sobre os ombros ou em padiolas improvisadas os doentes e as crianças.

Nas povoações que encontram durante a marcha, não lhes é permitido passarem a noite. Não po-

dem sequer atravessá-las: tem de as rodear, embora através de pantanos. Dormem ao frio, sobre o chão úmido. A cada passo, encontram soldados que os vexam e brutalizam, enquanto os cosacos saqueiam os lares que elles deixaram. Só em Varsóvia, havia mais de cem mil refugiados, na maior miséria.

A guerra pela «independência dos povos»!

Notas Rubras

O Plagiatos

Eu tenho uma sincera e profunda repugnancia por tudo quanto revela plagiatos. E, para meu calvário, são já inumeras as vezes que se me tem deparado vários plagiatos...

Revolta-me, indigna-me, que um individuo qualquer plagie o trabalho dum outro, mormente quando essa criatura se restringe a copiar.

Que cada um se limite á sua insignificancia...

Todo aquele que plagia não é mais, para mim, do que um pretençioso ou um nulo.

Convicções de... aluguer

Entre as gazetas enviadas para a redacção da Aurora como permuta, encontrei um novo jornal monárquico de Lisboa, dirigido por um tal Astrigildo Chaves.

Como possuo um folheto em verso petroleiro deste renegado, dei-me á pachorra de confrontar as suas afirmações ultra-revolucionárias de ontem com as suas opiniões super-reaccionarias de hoje.

Assim, começando pela monarquia, elle proclamava ha tempos: «E redentora a guerra á Monarquia». E afirma agora: «A Monarquia será o grande ressurgimento de Portugal».

Um dos caudilhos republicanos era julgado por elle, outrora, nos seus dilettanticos tempos de verberações revoltadas, o heroi da liberdade e a luz da redenção. Actualmente acoima-o de pateta cinico e ridiculo palhaço.

Semelhantes contradicções entre a forma de pensar de ontem e a de hoje em certas creaturas já não são para admirar—principalmente em determinados revolucionarios de faca e alguidar—visto que ha muita gente que assalaria o pensamento como a ramalha aluga o corpo...

Que miséria de caracteres!

C. RODRIGUES

Algumas amostras

La Guerre Sociale e La Bataille Syndicaliste (esta última no mesmo numero em que, de um artigo de Jean Grave, só publica a assinatura, ao fim de coluna e meia em branco) referem que há três meses foi preso em Arras o camarada Gullet, achando-se encerrado no subterrâneo duma prisão bombardeada pelos alemães. Gullet, preso como suspeito, ainda não foi saquer interrogado, tendo o procurador da República declarado que dançaria de alegria no dia em que fuzilassem o nosso camarada.

Dias depois, a mesma Bataille referindo-se á extrema liberdade de que gozam os clericais na sua propaganda ardente e azeitando a hipótese duma distribuição em Paris do último manifesto da C. G. T. (aliás bem pallido e pouco revolucionário), escreve:

«Não nos iludimos: os adulaçoes seriam imediatamente engajados e acusados de ter querido perturbar a paz pública. A falta duma condenação que o poria á sombra por alguns meses, em breve lhes serviriam de abrigo os campos de concentração—como a Baraille e Jália Bertrand.»

O trabalhador através da historia

Nada nos ministra mais insinamentos que esse livro aberto a todos os homens, escrito através dos tempos em todos os idiomas, versando todos os assuntos que se relacionam com a espécie humana; e se quereis aprofundar os sofrimentos da Humanidade, folheai a historia de todos os povos: ella é invariavel no tempo e no espaço. Roma, Esparta e Atenas equivalem-se.

O trabalhador tem-nos merecido sempre a nossa simpatia de assalariado; e hoje, num rápido bosquejo, consagramos estas linhas á sua odisséia através dos seculos, convencidos de que ellas não lhe serão de todo inúteis, atento o período de miséria e claudicações que atravessamos.

Envolve nas densas trévas da religião pagã, o trabalhador era considerado uma coisa e nunca um valor moral e material; e com a aparição do cristianismo, de trévas mais densas e torvas, continuou a subir o seu calvário de misérias e perseguições, de humilhação e exploração, agravado ainda com o imposição de observar integralmente a filosofia da miséria e da submissão que o cordeiro da Nazareth veio prégar consubstanciada na maxima: Sempre haverá pobres e ricos neste mundo.

Atenas elevava um por cento dos seus filhos á dignidade humana, animalizando, tornando héstas ou pouco menos, noventa e nove por cento; e nos seus dias progressivos, que foram os mais brilhantes, contava com quatrocentos mil escravos para vinte mil cidadãos, chegando os seus filósofos a discorrer sobre se os escravos seriam dignos de uma alma e duvidando se, na realidade, a possuíam. Em Esparta a situação era ainda mais desesperada: o número dos ilotas era infinito, e consideravam-nos de tão vil natureza que os destinavam apenas para servir de diversão aos ricos nas caçadas que estes organizavam nos bosques e selvas, recreando-se a perseguir-lhes como se fossem feras!

Estes espectáculo humilhantes e degradantes eram os que mais divertiam os felizes da Grécia, daquela Grécia de seu brilhante, dessa Grécia tão famosa, tão cheia de encantos, tão orgulhosa e tão admirada pelo talento dos seus filósofos, pelo génio dos seus artistas, pela eloquência dos seus oradores e pelo valor—ó irrisão!—dos seus soldados! Sim, na Grécia de outrora, naquella Grécia de filósofos, de artistas, de oradores, de sofistas e estoicos, também havia soldados que pela sua bravura eram admirados em todo o mundo!

Mas deixemos Esparta e Atenas, e volvamos os olhos para a Roma pagã, para a Roma de Nero e Calígula, de Rómulo e Remo. Na cidade eterna, todo o individuo que não possuísse mais de quatrocentos ou quinhentos escravos era tido como cidadão de mediocre riqueza, de duvidosa posição social. Muitos patricios ocupavam os seus escravos em matar outros escravos para alimentar as feras nas bárbaras festas do circo; e se os soldados da Grécia eram admirados pela sua bravura, pela sua docilidade, pelo altruismo que os caracterizava no roubo, no assalto e na pilhagem em benefício dos seus senhores e protectores; muitas vezes, escravos iam roubar escravos, para o seu possuidor, que, afinal, vinham a acabar nas garras das feras ou nos golpes dos gladiadores do circo, divertindo á sua agonía horrível a população que, enbrilhada, assistia ás heronianas orgias bacanais, que ultrapassavam em demoralização e crime os festins de Baltazar. A matança era o praser da besta humana que aplaudia entusiasticamente o esfacelamento dos deserdados da sorte, dos miseráveis, da escoria social: era o supremo lenitivo para as dores e sofrimentos dos cortejos; e Tito Flavio, para realçar as festas que realizou em honra de seu pai Vespasiano, lançou ás feras tres mil judeus.

Semelhantes monstruosidades eram o complemento das festas dadas pelos patricios romanos; a digestão seria laboriosa, disse um escritor célebre, se depois do vinho não houvesse o sangue!

Veio em seguida o cristianismo: á Roma pagã succedeu a Roma cristã que não abrigava melhores sentimentos humanitários.

O helenismo transplantado para o solo romano apenas trouxe consigo os grandes mestres da idade do ouro da literatura antiga que continuaram a ser os arbitros do bom gosto; e Nero, ao morrer, trespassado pelo punhal justiciero, deixa escapar dos labios esta significativa frase: Que artista vai morrer!

Ja Petronio, ao árbitro das elegancias, proferia idéntica exclamação, sem contudo, durante a vida, ter um momento de revolta quando assistia a chacinha dos desgraçados arremessados ás feras em holocausto á embriaguez dos patricios.

Apesar do génio luminoso dos Aristóteles, dos Platão e duma pleiade interminável de espiritos superiores, a condição social do povo é desoladora, abjecta e degradante. Os sociólogos e economistas cristãos, para captar a simpatia das massas inconscientes, pregam ás turbas todos os desgarramentos, crimes e monstruosidades das épocas pagãs; mas os doutores da Igreja, os santos papas, os inquisidores, confundem a sua obra de sapa na dissolução dos caracteres eprais, com o axioma: Olha para o que eu digo e não para o que eu faço.

Submissão! Submissão! Submissão! Eis a essencia dos seus sermões, que devem ser escutados com sepulcral silêncio e religiosamente acatados pelo povo produtor! A redenção, dizem, virá no dia de Juizo, no outro mundo, quando os miseros mortais forem chamados á divina presença de deus a prestar contas dos seus actos neste vale de miséria.

Lêdo a historia dos papas, e pela encontrarem uma serie enorme e ininterrupta de crimes que variam entre o incesto e o matricídio, entre o fratricídio e o parricídio; os aulicos dos doutores da Igreja, estão sempre prontos a castigar com a morte a mais leve a ingénuu observação ás inconcebíveis orgias do chefe supremo da Igreja católica imperante.

Depois de tantos sacrificios em guerras santas, depois de tantos sermões de uma falsa moral, depois de tantas fogueiras alimentadas por corpos humanos, o povo

trabalhador, o povo produtor de todas as riquezas sociais, continua na situação deseperada dos tempos ominosos da Roma pagã!

Na idade média refúge a Igreja católica no seu máximo esplendor: a Renascença e a Reforma, como a revolução filosófica dos enciclopedistas e o 93, não lhe alteraram os processos nem os fins; e a historia dos factos que lhe são attribuidos, baseada em factos e documentos, é a prova cabal e inludível de que com o florescimento da Igreja o trabalhador caminha a passos agigantados para a mais baixa condição social.

Mas não é só a Igreja a acorrentar o povo trabalhador ao carro inglório da ignominia. A par daquelle cancro social, move-se outro que em nada lhe é inferior: ommaranhado um no outro, caminham de braço dado. E' o feudalismo!

A Igreja já, préga a ignorancia, que é a pedra angular que lhe serve de base; o feudalismo, reduz o homem trabalhador á mais abjecta situação económica; ajudam-se mutuamente, auxiliam-se reciprocamente, solidarizam-se entre si para manter inalteravel a condição social e económica do meio ambiente.

Estes dois cancros são o complemento um do outro, não podem viver sem o auxilio um do outro, geram-se um ao outro e alimentam-se um ao outro.

Na benção da espada do cavaleiro medievo, a Igreja católica, para iludir a ingenuidade popular, pronunciava estas mirificas palavras:

«Deus santo, benzei esta espada, e que ella tenha dois gumes: um para ferir o infiel que ataque a Igreja; o outro para ferir o rico que oprima o pobre!»

Agora, trabalhador, passa a vista de relance pela historia de todos os povos, e nela encontrarás o mais formal desmentido ás lamentadas palavras dessa Igreja nefasta que acima ficam transcritas. Ellas são um anátema vomitado sobre os que não obediãrem cegamente os seus ditames, as suas leis, os seus clamores, as suas imposições; são um insulto repelente atralho á cara dos trabalhadores, pois jamais a espada assassina dos acólitos da Igreja esteve a seu lado; são uma prevenção ao cavaleiro da que será esquarterado se não seguir á risca as advertencias que lhe são feitas, isto é, se se desviar do que deve prestar á Igreja em troca do que dá á Igreja: a benção da espada.

Ora os vários Torquemadas, Lofolais e Arbúis, monstros tristemente célebres, fartaram-se de assar carne humana, e a espada do cavaleiro continuou na bainha, sem que um assomo de odio e de revolta provocado por tamanhos crimes a fizesse sair do seu lugar, conquanto estivesse constantemente pronta não só para ferir o pobre, não em defesa do rico, que o pobre já atacou, mas antes para lhe satisfazer os caprichos dos seus instintos sanguinarios e maldosos.

E desde então até nossos dias, desde as épocas bárbaras do paganismo até ao cristianismo e desde á idade média, á Renascença, á Reforma e á Consenção; do 89 á Revolução de 48, e até hoje, a situação do operário continua a mesma: a exploração do homem pelo homem é um facto. Eis o fruto da burguesia! Com a grande revolução caí o poderio feudalista; mas a substituição ergue-se, cada vez mais feroz, sempre mais sanguinario e opressor o predomínio burguês especia pelo verniz democrático que o caracterizam.

A situação social do trabalhador de hoje, é a mesma do escravo romano, do servo da gleba, do ilota espartano, com a agravante de ser infinitamente mais detestavel sob o ponto de vista economico. Ontem tinha a existencia garantida: o seu possuidor provia á sua subsistencia, considerava-o um valor, ou antes um instrumento de trabalho; hoje, o patrão, despreza-o, porque o operário, tornado acessório da maquina, é facil de substituir por outro do enorme exército de reserva formado pelos «sem trabalhos».

Escravo, servo ou operário são sinónimos que diferem apenas na forma, pois no fundo subsiste a mesma perniciosa e abjecta significação: o homem social divide-se e subdivide-se em classes sobrepostas; sendo a mais infima destas, segundo o critério dos detentores das riquezas sociais e naturais, constituida pelos produtores de tudo o que é indispensavel á existencia dos povos.

Nós, os assalariados, continuamos a desempenhar o mesmo papel no espectáculo da vida para gozo dos nossos ligados inimigos, os exploradores do nosso trabalho que é, também, a nossa unica riqueza.

Chamam-nos operários, trabalhadores, assalariados; mas, na realidade, continuamos a ser, de facto e de direito, ilotas, escravos, sudras, párias e servos do Capital, da Igreja e do Estado, trindade infamante que péss sobre nossos ombros como a maior de todas as injustiças sociais; e cada vez que se fala de abolição da escravatura, sempre que se predica o soffrimento de que a Grande Revolução (?) decretou os direitos do homem, é mais um punhado de lama que nos atram ao rosto, é mais um insulto com que nos mimoseiam os senhores da banda, da industria e do commercio.

Trabalhador! Meu, irmão! Se tens ainda uma partícula de dignidade humana, revolta-te, emancipa-te, faz tua a maxima da gloriosa Internacional:

«A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra exclusivamente sua! A Anarquia é uma approbacao que de ponta além no horizonte. Caminhemos para Ella sem nos preocuparmos com os obstáculos que porventura possam surgir durante a jornada.»

Só então poderemos dizer: Somos livres, na Sociedade livre, sobre a Terra livre!

Gulpihares, 1915.

GIORDANO BRUNO.

Centro Instrutivo de propaganda libertaria—Reune hoje pelas 11 horas para tratar de vários assuntos.

E' indispensavel a comparencia de todos os membros.